

ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSÈNE
LUPIN**

**E A ILHA
DOS TRINTA
CAIXÕES**

Tradução
Luciene Ribeiro
dos Santos


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
L'île aux trente cercueils

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos

Design de capa
Ciranda Cultural

Revisão
Cleusa S. Quadros

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Elena Iargina/shutterstock.com;
Forgem/shutterstock.com;
bins/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e a Ilha dos Trinta Caixões / Maurice Leblanc; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2021. 288 p. : 15,50cm x 22,60cm. - (Arsène Lupin)
	Título original: L'île aux trente cercueils ISBN: 978-65-5552-549-6
	1. Literatura francesa. 2. Mistério. 3. Investigação. 4. Suspense. 5. Detetive. 6. Enigma. I. Santos, Luciene Ribeiro. II. Título.
2021-0027	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Francesa : Ficção 843
2. Literatura Francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

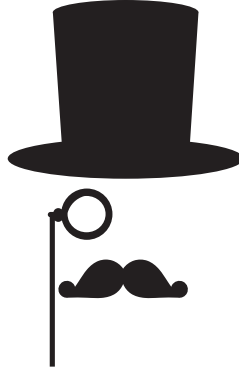
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Primeira parte – Véronique.....	7
Prólogo.....	9
A casa abandonada.....	11
À beira do oceano	22
O filho de Vorski	36
A pobre gente de Sarek.....	54
Quatro mulheres crucificadas	69
Tout-Va-Bien.....	88
François e Stéphane.....	103
Angústia.....	115
A câmara da morte.....	129
A fuga.....	140
Segunda parte – A pedra miraculosa.....	153
O flagelo de Deus	155
A subida do Gólgota	170
“Eli, Eli, Lamma Sabathani!”	187
O velho Druida.....	202
A sala dos sacrifícios subterrâneos	218
A laje dos reis da Boêmia	238
“Príncipe cruel às ordens do destino...”	253
A pedra-deus.....	269
Epílogo.....	274

PRIMEIRA PARTE

VÉRONIQUE



PRÓLOGO

A guerra provocou tantas perturbações que poucas pessoas se lembram hoje do que foi, há alguns anos, o escândalo de d’Hergemont.

Recordemos os fatos em algumas linhas.

No mês de junho de 1902, o senhor Antoine d’Hergemont, cujos estudos sobre os monumentos megalíticos da Bretanha são bastante apreciados, passeava no bosque com sua filha Véronique, quando foi assaltado por quatro indivíduos e atingido no rosto por uma bengalada que o derrubou.

Depois de uma curta luta, e apesar dos seus esforços desesperados, Véronique, a bela Véronique, como lhe chamavam as suas amigas, era arrastada e empurrada para dentro de um automóvel que os espectadores desta rapidíssima cena viram afastar-se para os lados de Saint-Cloud.

Foi um rapto fácil. No dia seguinte, sabia-se a verdade. O conde Alexis Vorski, um jovem fidalgo polonês, com bastante má reputação, mas de boa figura, que se dizia de sangue real, amava Véronique d’Hergemont e ela o amava. Rejeitado pelo pai, insultado várias vezes por ele, combinara a aventura sem que Véronique, aliás, fosse minimamente cúmplice.

Antoine d’Hergemont, que era – conforme certas cartas tornadas públicas atestaram – violento, taciturno, e que, por causa de seu humor

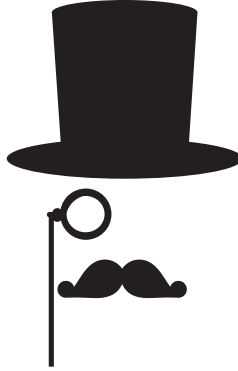
caprichoso, de seu egoísmo extremo e de sua sórdida avareza, tornara a filha extremamente infeliz, jurou que se vingaria da maneira mais implacável.

Deu o seu consentimento ao casamento, que ocorreu, dois meses depois, em Nice. Mas no ano seguinte surgiam notícias sensacionais. Mantendo a sua palavra de ódio, o senhor d'Hergemont raptou, por sua vez, a criança nascida do casamento da filha com Vorski, e, em Ville-Franche, embarcou em um pequeno iate que recentemente comprara.

O mar estava agitado. O iate afundou-se perto da costa italiana. Os quatro marujos que o tripulavam foram recolhidos por uma barca. Segundo o testemunho deles, o senhor d'Hergemont e a criança tinham desaparecido no meio das ondas.

Quando Véronique teve a prova da morte deles, entrou para um convento de carmelitas.

São estes os fatos. Eles conduziram, catorze anos mais tarde, a mais horrível e extraordinária aventura. No entanto, uma aventura autêntica, ainda que certos detalhes assumam, à primeira vista, o aspecto de fábula, de fantástico. Mas a guerra complicou a existência de tal maneira que acontecimentos exteriores a ela, como aqueles cuja narrativa vamos seguir, retiram desse grande drama qualquer coisa de anormal, de ilógico e, por vezes, de miraculoso. É necessária toda a resplandecente luz da verdade para dar a esses acontecimentos a marca de uma realidade, afinal bastante simples...



A CASA ABANDONADA

A pitoresca vila de Faouët, situada em pleno coração da Bretanha, viu chegar de carruagem, em uma manhã do mês de maio, uma senhora que usava um vestido cinzento e um véu sombrio que lhe envolvia o rosto, peças que não impediam de discernir a sua grande beleza e perfeita graciosidade.

Esta senhora almoçou rapidamente na hospedaria principal. Depois, por volta do meio-dia, pediu ao dono da estalagem que lhe guardasse a mala, obteve algumas informações sobre a região e, atravessando a vila, dirigiu-se em direção ao campo.

Logo se viu diante de duas estradas: uma que conduzia a Quimperlé, outra, a Quimper. Escolheu esta última, desceu ao fundo de um vale, tornou a subir e, avistou, à sua direita, à entrada de um caminho vicinal, um poste indicativo que mencionava: *Locriff, 3 quilômetros*.

“É aqui o local”, disse para si própria.

No entanto, tendo lançado um olhar em volta, ficou surpreendida por não encontrar o que procurava. Compreendera mal as instruções que lhe tinham dado?

Ninguém a sua volta e ninguém tão longe quanto se podia ver até o horizonte dos campos bretões, para além dos prados rodeados de árvores

e das ondulações das colinas. Um pequeno castelo, surgido da verdura nascente da primavera, erigia não longe da vila uma fachada cinzenta onde todas as janelas tinham as portinholas fechadas. Ao meio-dia, os sinos do toque das ave-marias balançaram no espaço. Depois houve um grande silêncio e uma grande paz.

Ela sentou-se então sobre a erva rasa de um talude e tirou do bolso uma carta de que desdobrou as numerosas folhas.

A primeira página tinha, ao alto, a seguinte firma social:

Agência Dutreillis.

Gabinete de Consultas. Informações confidenciais. Discrição.

Depois, por baixo, este endereço:

Para a senhora Véronique, modista, Besançon.

Ela leu:

Minha senhora:

Seria difícil para a senhora imaginar com que prazer decifrei a dupla missão que me quis confiar através da sua carta do corrente mês de maio de 1917. Não esqueci nunca as condições em que me foi possível, há catorze anos, prestar-lhe o meu concurso eficaz, quando dos penosos acontecimentos que ensombraram a sua existência. Fui eu, efetivamente, que consegui obter todas as certezas relativas à morte do seu querido e respeitável pai, o senhor Antoine d’Hergemont, e do seu adorado filho, François – primeira vitória de uma carreira que proporcionaria tantas outras brilhantes vitórias.

Fui também eu, não o esqueça, que, a seu pedido, e vendo quanto era útil subtraí-la ao ódio e, digamos a palavra, ao amor do seu marido, fiz as diligências necessárias para a sua entrada no convento de carmelitas. Fui eu, enfim, que, tendo-lhe o seu retiro nesse convento

mostrado que a vida religiosa era contrária à sua natureza, lhe arranjei esse humilde lugar de modista em Besançon, longe das cidades onde passou os anos da sua infância e as semanas do seu casamento. Tinha bom gosto e necessidade de trabalhar para viver e para não pensar. Era natural que fosse bem-sucedida. E foi bem-sucedida.

E agora vamos ao fato, ao duplo fato que nos importa.

Antes de tudo, a primeira questão: Que aconteceu no meio desta tormenta ao seu marido, o senhor Alexis Vorski, polonês de nascimento, segundo os seus documentos, e filho de rei, segundo as suas palavras? Serei breve. Suspeito, encarcerado desde o princípio da guerra em um campo de concentração perto de Carpentras, o senhor Vorski evadiu-se, foi para a Suíça, voltou à França, foi preso e acusado de espionagem, pois ficou provado que era alemão. Mais uma vez, quando inevitavelmente o esperava uma condenação à morte, evadiu-se, desapareceu na floresta de Fontainebleau e, finalmente, foi apunhalado não se sabe por quem.

Conto-lhe tudo isto muito abertamente, minha senhora, sabendo o desprezo que tinha por esse ser que a traiu abominavelmente e sabendo também que conhecia, através dos jornais, a maior parte destes fatos sem no entanto ter podido verificar a sua absoluta autenticidade.

Ora, as provas existem. Eu as vi. Já não há dúvida alguma. Alexis Vorski está sepultado em Fontainebleau.

E permito-me, já agora, minha senhora, chamar a sua atenção para a estranheza desta morte. Lembra-se certamente da curiosa profecia de que me falou, e que se referia a ele. O senhor Vorski, cuja real inteligência e energia pouco comum eram afetadas por um espírito falso e supersticioso, atormentado por alucinações e terrores, ficara extremamente impressionado com esta profecia que pesava sobre a vida dele e que fora feita por várias pessoas versadas nas ciências ocultas: “Vorski, filho de rei, tu morrerás pela mão de um amigo, e a tua esposa será crucificada”. Eu rio, minha senhora, ao escrever estas últimas palavras. Crucificada! É um suplício um tanto ultrapassado,

e estou tranquilo a seu respeito! Mas o que pensa a senhora da punhalada sofrida pelo senhor Vorski em conformidade com as ordens misteriosas do destino? Mas basta de reflexões. O que importa agora...

Véronique deixou cair por um instante a carta sobre os joelhos. As frases pretensiosas, as brincadeiras familiares do senhor Dutreillis feriam a sua delicadeza e, além disso, a imagem trágica de Alexis Vorski a obcecava. Um arrepio de angústia percorreu-lhe o corpo perante a terrível recordação desse homem. Dominou-se e recomeçou:

O que importa agora, minha senhora, é a minha outra missão, a mais importante aos seus olhos, pois todo o resto já pertence ao passado.

Analisemos os fatos. Há três semanas, em uma dessas raras ocasiões em que a senhora consente em romper a tão digna monotonia da sua existência, em uma noite de quinta-feira em que levava as suas empregadas ao cinema, ficou impressionada com um detalhe verdadeiramente inexplicável. O filme principal, intitulado “Lenda Bretã”, apresentava, no decorrer de uma peregrinação, uma cena que se passava na beira de uma estrada, frente a uma pequena cabana abandonada, que não tinha qualquer importância para a ação do filme. Estava ali, evidentemente, por acaso. Mas qualquer coisa verdadeiramente anormal chamou a sua atenção. Sobre, as tábuas cobertas de betume da velha porta, havia, traçadas à mão, estas três letras: “V. d’H.”; estas três letras eram pura e simplesmente a sua assinatura de solteira, tal como a usava outrora nas suas cartas familiares e tal como nunca mais a utiliza, faz catorze anos! Véronique d’Hergemont! Não podia haver qualquer engano. Duas maiúsculas separadas pelo “d” minúsculo e pelo apóstrofo. E, o que é mais significativo, a barra da letra “H”, prolongada sob as três letras, sublinhava a assinatura, exatamente como a costumava então fazer!

Minha senhora, foi o espanto que lhe provocou esta surpreendente coincidência que a determinou a solicitar o meu auxílio. Ele estava

antecipadamente concedido. E antecipadamente a senhora sabia que esse auxílio seria eficaz.

De acordo com as suas previsões, minha senhora, fui bem-sucedido. E, mais uma vez, serei breve, como é meu hábito.

Minha senhora, apanhe em Paris o expresso da noite, que a deixará na manhã do dia seguinte em Quimperlé. Aí, tome uma carruagem até Faouët, se tiver tempo, antes ou depois do almoço, visite a curiosíssima capela de Sainte-Barbe, alcandorada no local mais extravagante e que serviu de pretexto para o filme Lenda Bretã. Depois vá a pé pela estrada de Quimper. No fim da primeira subida, um pouco antes do caminho vicinal que conduz a Locriff, encontra-se, em um semicírculo rodeado de árvores, a cabana abandonada onde está a inscrição. No seu interior não há nada. Nem sequer um soalho. Uma tábua apodrecida serve de banco. Como teto, uma armação de madeira carcomida, através da qual entra a chuva. Mais uma vez, não há qualquer dúvida, de que foi o acaso que a colocou no campo de visibilidade do cineasta. Acrescentarei que o filme Lenda Bretã foi feito no mês de setembro último, o que indica que a inscrição tem pelo menos oito meses.

É tudo, minha senhora. A minha dupla missão está terminada. Sou demasiado discreto para lhe dizer com que esforços e por que meios engenhosos consegui cumprir esta missão em tão pouco tempo, senão consideraria realmente um pouco ridícula a soma de quinhentos francos à qual restrinjo o preço da minha intervenção.

Com os meus melhores cumprimentos.

Véronique dobrou outra vez a carta e refletiu durante alguns minutos sobre as impressões que ela lhe provocara, impressões dolorosas como todas as que ressuscitavam os dias atrozos do seu casamento. Uma delas, sobretudo, persistira, tão forte como as que sentira nas horas em que, para se esconder, se refugiou, na sombra de um convento. Era a impressão e até a certeza de que todas as suas infelicidades, a morte do pai, a morte